
Duas figuras da filosofia em Heidegger

Two figures of philosophy in Heidegger

DOI: 10.12957/ek.2025.93559

Tito Marques Palmeiro¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

tito22mp@gmail.com

RESUMO

Este artigo examina alguns momentos da obra de Martin Heidegger com o objetivo de refletir sobre a relação entre a figura do filósofo e a do professor — uma relação que marca tanto a trajetória desse autor quanto a de todos aqueles que hoje se dedicam à filosofia. Nos cursos da década de 1920, é justamente na condição de professor que Heidegger descobriu a possibilidade de também assumir a figura do filósofo. A partir da década de 1930, no entanto, essas duas figuras entram em tensão, o que terá consequências importantes para sua obra. Esta revelará um progressivo afastamento do modelo tradicional de ensino, em razão do conflito entre o papel institucional do professor e o exercício do filosofar. Ainda assim, a figura do professor permanecerá como uma via possível e legítima para a prática filosófica — desde que não se reduza à repetição do ensinável, mas se abra à experiência do pensamento.

Palavras-chave

Heidegger. Filósofo. Professor. Kant. Nietzsche.

ABSTRACT

This article examines selected moments in the work of Martin Heidegger in order to reflect on the relationship between the figure of the philosopher and that of the professor — a relationship that characterizes not only Heidegger's own situation but also that of all of us who practice philosophy today. In the lecture courses of the 1920s, it is precisely in his capacity as a professor that Heidegger discovers the possibility of assuming the figure of the philosopher. However, beginning in the 1930s, these two figures come into tension, with significant consequences for his work. His philosophy will reveal a progressive distancing from the traditional model of teaching, due to the conflict between the institutional role of the professor and the activity of philosophizing. Nevertheless, the figure of the professor remains a possible and legitimate path for doing philosophy — provided it is not reduced to the mere repetition of what is teachable but instead opens itself to the experience of thinking.

Keywords

Heidegger. Philosopher. Professor. Kant. Nietzsche.

¹ Professor do departamento de filosofia da UERJ. Seus trabalhos interrogam o sentido do momento contemporâneo e sua relação com a tradição, discutindo, em particular, a arte, o saber e a técnica.

1 INTRODUÇÃO

Há quase três séculos a filosofia ocidental se associou a uma figura distinta das do sábio, do mestre espiritual ou do cientista com as quais era tradicionalmente confundida, pois passou a se fazer majoritariamente através da figura do professor. O primeiro grande filósofo da modernidade europeia a se definir pelo desejo de fazer filosofia dentro do quadro da instituição universitária foi Immanuel Kant. E isso foi, de fato, o que aconteceu, pois a divisão de sua obra entre um momento Pré-crítico e um Crítico corresponde à mudança de seu estatuto universitário, isto é, à passagem da frágil posição de *Privatdozent* (1755) para a de Professor Ordinário (1770) de Lógica e Metafísica na Universidade de Königsberg. Após o famoso “silêncio de dez anos” que se seguiu à progressão na carreira, Kant iniciou sua obra Crítica com a publicação, em 1781, da *Crítica da Razão Pura*, na qual assinalou na folha de rosto: “Crítica da Razão Pura de Immanuel Kant, Professor em Königsberg.”²

A identificação de Kant com a figura do professor pode ser também exemplificada pelo fato de que chegou por três vezes ao posto máximo na Universidade, em 1786, 1788 e 1796. Como se sabe, Heidegger também chegou ao reitorado, mas apenas uma única e fatídica vez, em 1º de maio de 1933. Será que a figura do professor se resumiria a um papel social exterior à atividade filosófica? Será que seria transparente, sem peso ou consequências? É o que pretendemos discutir em algumas passagens da obra de um filósofo que teve uma relação intensa e conturbada com a atividade de ensino: Martin Heidegger.

Heidegger refletiu ao longo de toda sua obra sobre a universidade e a figura do professor. Isso ocorreu devido a seu interesse pela renovação da universidade, como mostrou claramente desde o início de sua carreira docente, na preleção “Sobre a essência da universidade e dos estudos acadêmicos”, do curso de 1919 *Sobre a determinação da filosofia*. Esse interesse atravessou momentos muito diferentes de sua obra, como se evidencia na proposta de contribuição ao movimento Nacional-Socialista do discurso de reitorado, *A auto-afirmação da universidade alemã*, de 1933, ou no fato de que qualquer tentativa de transformação radical deve se defrontar com o movimento das ciências iniciado na modernidade e com a própria Razão, como em *O princípio do fundamento*,

² ² *KrV*, p. 1: “Kritik / der / Reinen Vernunft / von / Immanuel Kant, / Professor in Königsberg.”

de 1957.³ Esses exemplos mostram que a universidade e a figura do professor a ela associada estão na dependência da atividade do filósofo. Assim, apesar do professor ter se tornado central para a filosofia, ele não determina o filósofo. Como Heidegger afirmou no curso de 1928-129, *Introdução à filosofia*, logo após sua nomeação para o posto de Professor Ordinário (em abril de 1928): “[...] a posição social e oficial dos professores de filosofia ainda não garante que aquele que fala sobre filosofia seja, de fato, um filósofo” (Heidegger, GA27, p. 226).⁴

O professor é a figura a partir da qual a maioria de nós, filósofos, tem a possibilidade de falar, ler e escrever. Heidegger também se defrontou com essa situação. Para refletirmos acerca de nossa condição, discutiremos alguns dos problemas que ela gerou no desenvolvimento de sua obra.

Heidegger procurou abrir seu caminho na filosofia pelo debate com a obra de Husserl. Esse debate se iniciou no curso *Ontologia, hermenêutica da facticidade*, de 1923, e estabeleceu o eixo da discussão dos cursos subsequentes, que consiste na oposição entre a facticidade do *Dasein* e a consciência pura intencional husserliana. Trata-se de um debate com o pensamento de um filósofo, mas, também, com o ensino de um professor. Apesar de nunca ter sido aluno de Husserl, Heidegger se referia constantemente a ele como seu professor: “Nunca deixei de considerar Husserl meu professor, com gratidão e reverência” (Heidegger, GA16, p.468).⁵ A confrontação com Husserl recobre diversas dimensões (pessoais, políticas, religiosas, filosóficas etc.), mas não se pode esquecer que envolve também a questão que investigamos, porque se fez essencialmente nos cursos de um Professor Extraordinário como caminho para a descoberta da possibilidade de assumir a figura do filósofo.

O caminho filosófico que se abriu a partir do debate com a obra de Husserl se revelou muito diferente do seu. Sublinharemos apenas um dos motivos dessa diferença. Enquanto que as descrições de Husserl não invocavam argumentos tradicionais, ou, se os

³ GA 10, p. 56: “Sem a ciência moderna, não há universidade moderna. Se nós que estamos aqui temos consciência de que pertencemos à universidade, então nos movemos sobre a base sobre a qual a própria universidade repousa. Essa base é o princípio da razão.” (“Ohne die neuzeitliche Wissenschaft keine moderne Universität. Wenn wir uns hier als zugehörig zur Universität wissen, dann bewegen wir uns auf dem Boden, auf dem die Universität selber ruht.”).

⁴ GA 27, p. 226: “die soziale und amtliche Stellung der Professoren der Philosophie noch nicht verbürgt, daß der, der über Philosophie erzählt, ein Philosoph ist.”

⁵ GA 16, Bemerkungen zu einigen Verleumdungen, die immer wieder kolportiert werden (1950), p. 468: “Ich habe nie aufgehört, in Husserl in Dankbarkeit und Verehrung meinen Lehrer zu sehen.”

invocavam, tratavam-nos como imediatamente aplicáveis, Heidegger considerava que não se podia colocar entre parênteses nosso passado metafísico. Ele não pode ser ignorado nem aplicado sem mediações para o momento atual. Não se pode perder de vista o significado histórico dos argumentos de Descartes, Berkeley ou Hume — apenas para referir a autores empregados por Husserl —, pois estão ligados a um contexto de saber que envolve compreensões ontológicas específicas. É por isso que o caminho filosófico que se abriu levou Heidegger a se defrontar, após o debate com Husserl, com a grande figura da tradição cuja reinterpretação marcou sua formação: Kant. O Neo-kantismo interpretou a filosofia de Kant a partir das questões de sua época, como a epistemologia, as ciências exatas e humanas e a lógica, tendo marcado a universidade alemã a partir do final do século XIX, e sido importante na formação do jovem Heidegger desde sua entrada no curso de Teologia em 1909. Como seu caminho filosófico envolvia a confrontação com a tradição, após o debate com Husserl, ele procurou pensar suas possibilidades filosóficas pelo estudo da posição metafísica de Kant. Foi por isso que *Ser e tempo* previu que sua segunda parte realizaria a destruição fenomenológica da história da metafísica, partindo da análise do esquematismo transcendental kantiano.⁶ É compreensível que o primeiro livro que publicou após *Ser e tempo* reunisse a *Crítica da Razão Pura* com o problema da tradição metafísica: *Kant e o problema da metafísica*. O livro de 1929 é tanto o trabalho do filósofo que surgira dois anos antes com *Ser e tempo* quanto o do professor universitário que propunha a nova interpretação de uma obra clássica. Heidegger defendeu essa dupla dimensão no debate com Ernst Cassirer em Davos, na Suíça, poucos meses antes do lançamento do livro sobre Kant.

Qual é o ponto central da relação entre Heidegger e Kant? No livro de 1929, Heidegger apresentou sua tese sobre o sentido da mudança da *Crítica da Razão Pura* entre a primeira (1781) e a segunda edição (1788). A *Crítica* surgiu como uma violenta novidade no cenário filosófico da época por empregar a razão contra a razão num tribunal auto-instituído que põe em xeque a pretensão da metafísica tradicional de conhecer uma realidade transcendente. Isso explica que Moses Mendelssohn possa ter afirmado a respeito desse projeto, em *Horas da manhã ou Palestras sobre a existência de Deus*, de

⁶ GA 02, §8. O sumário do tratado, p. 40: “A segunda parte também também se divide em três seções: 1. A doutrina kantiana do esquematismo e do tempo como etapa preliminar de uma problemática da temporalidade.” (“Der zweite Teil gliedert sich ebenso dreifach: 1. Kants Lehre vom Schematismus und der Zeit als Vorstufe einer Problematik der Temporalität.”)

1785, que Kant teria esmagado tudo em seu caminho.⁷ Como mostra o prefácio original da primeira Crítica, a razão humana deve estabelecer os limites contrários à tendência de dirigir os princípios que emprega na experiência para o campo do supra-sensível, pois, sem essa delimitação, ela “mergulha em obscuridades e contradições” (Kant, 1968, p. VIII).⁸ Kant teria tido a coragem de perguntar pelo que mediaria a distinção entre sensível e supra-sensível. Em termos de faculdades, é a imaginação enquanto a “misteriosa raiz comum” entre a sensibilidade e o entendimento. Em termos ontológicos, o tempo. Essa interpretação mostra que, antes de *Ser e tempo*, o tempo já havia sido anunciado como o horizonte de interpretação do ser. Ora, Heidegger também mostrará que isso foi negado pela segunda edição, que reintegrou a faculdade da imaginação à sua posição tradicional de subordinada ao entendimento.⁹

2 O PROFESSOR COMO FILÓSOFO, O FILÓSOFO COMO PROFESSOR

Antes de surgir na cena filosófica com *Ser e tempo*, o nome de Heidegger circulava no meio universitário alemão dos anos 1920 como o de um grande professor. Herbert Marcuse, que seguiu alguns de seus cursos, disse que “Víamos em Heidegger o que havíamos visto inicialmente em Husserl, um novo começo, a primeira tentativa radical de pôr a filosofia em fundações realmente concretas” (Marcuse *apud* , Alan & William, 2007, p. 116),¹⁰ e Hannah Arendt, também antiga aluna, disse que “O rumor [sobre Heidegger] dizia simplesmente: o pensamento está novamente vivo” (Arendt, 2001, p.894).¹¹ O professor Heidegger tornava a filosofia viva ao se arriscar a pensar em seus cursos como um filósofo. Isso mostra que ele experimentou o fato de que esses dois papéis não são necessariamente contraditórios, e, portanto, que a universidade não se reduz ao aspecto institucional, podendo vir a ser o lugar do saber. É por isso que ela constitui uma

⁷ Moses Mendelssohn, *Morgenstunden oder Vorlesungen über das Daseins Gottes*, p. 2: “alles zermalmenden Kants”.

⁸ *KrV*, A VIII: “aberstürzt sie sich in Dunkelheit und Widersprüche”.

⁹ GA 06, pp. 161-162: “Com isso, a síntese pura é remetida para o entendimento puro. A imaginação pura tornou-se dispensável enquanto faculdade própria e, assim, cortou-se aparentemente a possibilidade de que ela própria pudesse ser o fundamento essencial do conhecimento ontológico”. (“Damit ist die reine Synthesis dem reinen Verstand zugewiesen. Die reine Einbildungskraft ist als eigenes Vermögen entbehrlich geworden und so die Möglichkeit scheinbar abgeschnitten, daß gerade sie der Wesensgrund der ontologischen Erkenntnis sein könnte”).

¹⁰ Feenberg, Alan & Leiss, William (ed.). *The Essential Marcuse*, p. 116: “We saw in Heidegger what we had first seen in Husserl, a new beginning, the first radical attempt to put philosophy on really concrete foundations.”.

¹¹ Arendt, Hannah. *Menschen in finsternen Zeiten*, p. 894: “Das Gerücht sage es ganz einfach: Das Denken ist wieder lebendig geworden”.

de suas grandes preocupações. A transformação da filosofia numa atividade centrada na figura do professor não a trairia, como provavelmente aconteceria se fosse apropriada pela do jornalista ou do influenciador. Existe a possibilidade de transitar de uma figura para a outra, pois não é estranho à filosofia a possibilidade de ser ensinada, e ensinar não é uma atividade oposta a fazer filosofia. O importante é sublinhar que, nesse momento, Heidegger considerou que existiria uma passagem natural do professor para o filósofo. Isso explica uma observação sua acerca de uma nota de Nietzsche sobre a figura do filósofo e o problema de nosso tempo. A nota diz que são “[...] tempos de grande perigo aqueles em que os filósofos surgem [...]”, e, diferentemente de seus contemporâneos, “[...] são lançados muito à frente de seu tempo” (Nietzsch *apud* Heidegger, 1996, p.11).¹² O curioso é que Heidegger considerou necessário introduzi-la pela informação de que não foi escrita pelo Nietzsche-filósofo, mas pelo Nietzsche-professor: “Aos 28 anos, como professor em Basileia, Nietzsche escreveu” (Heidegger, GA06.1, p.11).

O caso de Nietzsche é importante não apenas por sustentar a harmonia entre as duas figuras, do professor e do filósofo, mas também porque, em seu estudo, Heidegger foi levado a se defrontar novamente com Kant. No primeiro curso sobre Nietzsche, de 1936-1937, que inicia a discussão desse autor como um dos principais pensadores do Ocidente, não há apenas o esforço por compreender sua posição metafísica fundamental, há também uma seção desse livro que se desvia desse intento para denunciar uma falha em seu pensamento. Ela ocorre em *A doutrina kantiana do belo. Sua interpretação equivocada por meio de Schopenhauer e de Nietzsche*. Nessa seção, Heidegger procurou mostrar que Nietzsche interpretou erroneamente a noção kantiana de desinteresse da terceira *Crítica*. Ele a compreendeu como uma atitude apática diante da beleza, estranha à vontade e à embriaguês (*Rausch*). Heidegger, que devia mostrar que Nietzsche é um dos principais pensadores do Ocidente, dedicou-se surpreendentemente à denúncia de um erro. E seu diagnóstico é que ele se deve à influência do filósofo que Nietzsche tomara

¹² GA 06.1, p.11: “Aos 28 anos, como professor em Basileia, Nietzsche escreveu: ‘São tempos de grande perigo aqueles em que os filósofos surgem — quando a roda gira cada vez mais rápido —; eles, assim como a arte, tomam o lugar do mito que desaparece. No entanto, são lançados muito à frente de seu tempo, pois a atenção dos contemporâneos se volta para eles apenas lentamente. Um povo que se torna consciente de seus perigos gera o gênio.’” (“Mit 28 Jahren, als Basler Professor, schrieb Nietzsche: ‘Es sind die Zeiten großer Gefahr, in denen die Philosophen erscheinen — dann wenn das Rad immer schneller rollt — sie und die Kunst treten an Stelle des verschwindenden Mythos. Sie werden aber weit vorausgeworfen, weil die Aufmerksamkeit der Zeitgenossen erst langsam ihnen sich zuwendet. Ein Volk, das sich seiner Gefahren bewußt wird, erzeugt den Genius.’”)

como o educador modelo, Schopenhauer. Heidegger foi extremamente duro em sua crítica ao afirmar que esse pretense modelo “[...] compreende Kant de maneira fundamentalmente equivocada” (Heidegger, GA06.1, p. 127).¹³ O equívoco não é grave apenas em si, nem pela influência em Nietzsche, ele é grave sobretudo para a posteridade, pois essa compreensão errônea “[...] hoje está inteiramente em voga”. O Heidegger-filósofo pensará o sentido das acusações do Heidegger-professor e dirá que o erro é intrínseco à filosofia e sua história: “Pode-se dizer que a *Crítica da faculdade de julgar*, de Kant, obra na qual a estética é apresentada, só produziu efeitos até aqui sobre a base de incompreensões — um processo que pertence à história da filosofia” (*Idem*).¹⁴

A afirmação de que a história da filosofia é marcada por incompreensões não exclui a necessidade de um trabalho de esclarecimento. Pelo contrário, é justamente por isso que Heidegger se opôs com tanta veemência à interpretação de Schopenhauer e às críticas de Nietzsche. A incompreensão é algo que “pertence à história da filosofia”, mas é exatamente isso que torna necessária uma confrontação crítica — cujo objetivo é remover as camadas de interpretações que obscurecem o acesso à experiência originária.

3 ALETHÉIA E ERRO

A filosofia de Heidegger é inseparável do estudo da noção de verdade que se fez pela reinterpretação da palavra grega *alethéia*. No entanto, se ela é importante para o filósofo, o mesmo não se pode dizer para o professor. No desempenho de sua atividade de ensino, a verdade não constitui o imenso problema que constitui para o trabalho do filósofo. Uma coisa é pensar nas possibilidades da filosofia a partir do questionamento da verdade, outra é ser fiel ao tema a ser ensinado. A princípio, numa aula, tudo o que o professor fala é verdadeiro, não competindo ao aluno pôr em questão sua veracidade. A passagem pela interpretação do belo kantiano por Nietzsche mostrou que a questão que se coloca para o professor é bem outra, é a do erro.

O surpreendente é que, em outras ocasiões, Heidegger afirmou que não existe erro em filosofia. O que o senso comum chama de erro deve ser compreendido como uma diferença de posições. Aristóteles não errou ao dizer em sua *Física* que corpos pesados

¹³ GA 06.1, p. 127: “mißversteht er Kant von Grund aus”.

¹⁴ GA 06.1, p. 127: “Man kann sagen, daß Kants »Kritik der Urteilkraft«, in welchem Werk die Ästhetik dargestellt ist, bisher nur auf Grund von Mißverständnissen gewirkt hat, ein Vorgang, der in die Geschichte der Philosophie gehört”.

caem mais rápido que os mais leves, apenas exprimiu uma compreensão da *physis* distinta da moderna, que elimina o estar-em-um-meio. A ideia de uma massa em queda livre sem atrito nega a *physis* da qual somos parte. É por isso que um debate filosófico não é uma competição na qual uma das partes sairia vencedora, mas o meio que explicita as posições de cada um. Na sequência de sua obra, o discurso que acusa uma filosofia de erro não é mais considerado filosófico. Isso é o que dirá em *Meditação*, de 1938-1939: “Pode-se, por exemplo, considerar a filosofia de Kant (em que ela consiste?) como incorreta (e o que isso significa?). Pode-se fazer disso — e da demonstração de sua incorreção — uma profissão e um trabalho de vida. Mas isso não é filosofar, não é questionar a essência do ser” (Heidegger, GA 66, p.76).¹⁵

Retornando ao problema da interpretação da estética kantiana por Nietzsche e Schopenhauer, talvez se possa dizer que a crítica que Heidegger fez aos dois filósofos encontra-se integralmente inscrita no registro do professor. Seria a preeminência dessa figura que o levou não só a falar de erro a propósito de um autor que propunha como um dos principais pensadores do Ocidente, mas também a fazer uma leitura problemática do desinteresse kantiano. O corretivo aplicado a Nietzsche e Schopenhauer se dirigirá ao modo pelo qual o próprio Kant desenvolveu sua filosofia, ao basear o juízo estético da terceira Crítica em uma noção inteiramente insuficiente, por ser negativa. O termo *desinteresse* não indicaria positivamente as possibilidades da experiência estética:

A determinação “desprovido de interesse”, que Kant apresenta apenas de forma preparatória e introdutória, e que já em sua formulação linguística indica com bastante clareza o caráter negativo, é apresentada como a única e, ao mesmo tempo, positiva afirmação de Kant sobre o belo — e, até os dias de hoje, tem sido oferecida como a interpretação canônica do belo segundo Kant. (Heidegger, GA 06.1, p.129-130)¹⁶

Não temos nesse diagnóstico uma voz filosófica, mas professoral, exigente, que procura precisar uma noção filosófica a partir de critérios exteriores. Ela parte de um “sabe-se bem”, e não do que Kant propôs em sua filosofia. *Sabe-se bem* que uma noção negativa é apenas a antecâmara de uma noção positiva.

¹⁵ GA 66, p. 76: “Man kann z. B. Kants Philosophie (worin besteht sie?) für unrichtig halten (und was heißt das?). Man kann daraus und aus dem Nachweis ihrer Unrichtigkeit eine Berufs- und Lebensarbeit machen. Nur ist das kein Philosophieren, kein Erfragen des Wesens des Seins.”

¹⁶ GA 06.1, pp. 129-130: “Die Bestimmung »ohne alles Interesse«, die Kant nur erst vorbereitend und bahnschaffend gibt, die auch in der sprachlichen Fassung schon das Negative deutlich genug anzeigt, wird als die einzige und zugleich positive Aussage Kants über das Schöne ausgegeben und bis zum heutigen Tag als die Kautische Auslegung des Schönen angeboten.”

Essa passagem põe dois problemas. Em primeiro lugar, é dificilmente sustentável que o desinteresse seja uma noção meramente preparatória, uma vez que é o nome do primeiro e principal momento do juízo estético da Analítica do Belo da terceira *Crítica*. É como se alterássemos uma categoria da primeira *Crítica* — por exemplo, ao dizer que a categoria de unidade seria, a rigor, a de identidade — e considerássemos que isso não teria nenhuma consequência filosófica. Em segundo lugar, o fato de que Heidegger pretende saber que, em filosofia, uma noção negativa é apenas a antecâmara de uma positiva pretende ignorar algo importante: Kant foi o introdutor da noção de grandeza negativa em filosofia. Ele o fez ainda em sua chamada fase Pré-crítica, num ensaio de 1763 cujo título explicita que ele estava bem consciente do que fazia. Chama-se *Ensaio para introduzir o conceito de grandezas negativas na filosofia*. Kant argumentou que o negativo é dependente do positivo apenas em pensamento, não se recobre uma condição real. Enquanto que, no pensamento, o negativo é dependente do positivo, na realidade, uma força negativa não depende de uma positiva. Estamos acostumados a pensar na escuridão como sendo a ausência de luz, no frio, como a ausência de calor e estabelecer categorias compostas por noções positivas, mas Kant introduziu a possibilidade de pensarmos grandezas negativas: forças, interesses ou sentimentos. É por isso que, na terceira *Crítica*, a realidade do desprazer será decisiva para demarcar o sentimento negativo do sublime, que não é antecâmara de nada. É importante notar que, se o professor Heidegger tivesse analisado sua própria filosofia pelo mesmo critério que empregou nessa seção, não teria aceito a proposta filosófica que fez da verdade como *des*-velamento, pois ela também é baseada no negativo, no caráter privativo da letra alfa no início da palavra grega *alethéia*.

4 CONFLITO ENTRE FIGURAS

É importante analisar o que aconteceu com as figuras do professor e do filósofo nos momentos que estudamos da obra de Heidegger. Em primeiro lugar, se nos determos no início de sua confrontação com Kant, parece surpreendente que ele tenha considerado que a figura tradicional do professor pudesse ser adaptada à atividade filosófica. Ao aceitar participar do debate em Davos com Cassirer, admitiu implicitamente que sua interpretação poderia estar de acordo com critérios acadêmicos tradicionais de objetividade, de estabelecimento de provas, de referência às fontes e outros elementos

verificáveis e ensináveis. Dizemos que isso é surpreendente porque *Kant e o problema da metafísica* não oferece apenas a reinterpretação de um autor clássico, mas, por esse meio, inicia um caminho filosófico pela confrontação com a história da metafísica. Poucos anos depois, pode-se perceber o quanto tudo mudou. Em 1936, nas *Contribuições à filosofia*, a figura do professor não tem mais nada que a prenda a critérios acadêmicos, pois a filosofia encontra-se a partir de então separada do âmbito do discurso público. Isso não terá reflexo apenas no filósofo, mas também no professor, que aparecerá como não tendo mais nenhum conteúdo ôntico a ensinar: “Aqui não se descreve nem se explica, não se proclama nem se ensina; aqui, o dizer não está em oposição àquilo que deve ser dito, mas é ele próprio o que deve ser dito, como a essenciação (*Wesung*) do Seer” (Heidegger, GA 65, p.4).¹⁷

Em 1938-1939, no texto *Meditação*, Heidegger retomou a análise de seu livro sobre Kant. Criticou então explicitamente o esforço que havia empreendido — na figura do professor — de explicar o problema da metafísica por meio de critérios acadêmicos:

A tentativa empreendida no escrito *Kant e o problema da metafísica* de elucidar e tornar compreensível, por meio de um caminho “historiológico”, um começo totalmente diverso da história do Seer, está fadada, por necessidade, ao fracasso; ela conduziu a equilibrar historiologicamente a tentativa do pensamento inicial — e, com isso, a aniquilá-la em seu essencial. (Heidegger, GA 66, p.68)¹⁸

A obra de Heidegger, que se desenvolveu inicialmente por meio da figura do professor nos cursos dos anos 1920, encontrou, poucos anos depois, um limite decisivo. Apesar de realizar um ensino vivo e filosoficamente engajado, a figura do professor permanecia, até então, vinculada a critérios tradicionais não suficientemente problematizados. Heidegger empreendeu uma confrontação profunda com a história da metafísica — com Husserl, Aristóteles, Nietzsche e tantos outros autores —, mas não questionou, num primeiro momento, a figura institucional que sustentava sua própria atividade filosófica. Quando, a partir de meados da década de 1930, a filosofia passou a seguir uma direção radicalmente distinta, também a figura do professor foi deslocada de

¹⁷ GA 65, p. 4: “Hier wird nicht beschrieben und nicht erklärt, nicht verkündet und nicht gelehrt; hier ist das Sagen nicht im Gegenüber zu dem zu Sagenden, sondern ist dieses selbst als die Wesung des Seyns.”

¹⁸ GA 66, p. 68: “Der Versuch, den die Schrift »Kant und das Problem der Metaphysik« übernimmt, auf »historischem« Wege einen ganz anderen Anfang der Seynsgeschichte zu erläutern und verständlich zu machen, muß notwendig scheitern; er führte dahin, den Versuch des anfangenden Denkens historisch auszugleichen und im Wesentlichen zu vernichten.”

seu lugar tradicional. Isso significa que a figura do filósofo acabou por se emancipar daquela figura inicial, passando a determiná-la como uma espécie de reflexo, subordinado à tarefa essencial do pensamento.

5 CONCLUSÃO

Nosso breve estudo de Heidegger parece indicar que a figura do professor talvez não seja tão inofensiva para as possibilidades da filosofia quanto se poderia supor. Ela envolve dimensões adversas, pois está a serviço do saber, mantendo-se em oposição à figura do filósofo, cujo questionamento implica também um movimento auto-reflexivo. O professor encontra-se inteiramente voltado ao conteúdo que deve transmitir e, por isso, tende a permanecer cego a si mesmo, com dificuldade de se colocar em questão. É por essa razão que muitos estudos contemporâneos ainda repetem a crítica platônica ao ensino dos sofistas — apesar de também exercermos hoje a filosofia mediante remuneração. A figura do professor foi destituída de seu halo sagrado, como já afirmavam Marx e Engels (1977, p.465) no *Manifesto do Partido Comunista*, ao tratarem do médico, do advogado, do padre ou do poeta: todos são, em última instância, trabalhadores assalariados.¹⁹ O filósofo passou, assim, a justificar sua prática pelo cargo de professor.

Observamos que Heidegger já havia advertido, em seu curso de 1928–1929, que “[...] a posição social e oficial dos professores de filosofia ainda não garante que aquele que fala sobre filosofia seja, de fato, um filósofo” (Heidegger, GA 27, p. 226). Em outras palavras, a figura do professor não assegura a do filósofo — mesmo que se acumulem todos os títulos acadêmicos possíveis. Ao final, vislumbra-se em Heidegger algo que devemos também considerar em relação a nós mesmos: é a figura do filósofo que pode conferir sentido à atividade do professor. O verdadeiro professor é, nesse sentido, o filósofo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *Menschen in finsternen Zeiten*. München/Zürich: Piper, 2001.
FEENBERG, Alan & LEISS, William (ed.). *The Essential Marcuse*. Boston: Beacon Press, 2007.

¹⁹ Marx, Karl, & Engels, Friedrich. *Werke*, p. 465: “Die Bourgeoisie hat alle bisher ehrwürdigen und mit frommer Scheu betrachteten Thätigkeiten ihres Heiligenscheins entkleidet. Sie hat den Arzt, den Juristen, den Pfaffen, den Poeten, den Mann der Wissenschaft in ihre bezahlten Lohnarbeiter verwandelt.”

HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. (GA 65). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Besinnung* (GA 66). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997a.

HEIDEGGER, Martin. *Der Satz vom Grund* (GA 10). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997b.

HEIDEGGER, Martin. *Die Grundbegriffe der Metaphysik: Welt - Endlichkeit - Einsamkeit* (GA 29-30). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983.

HEIDEGGER, Martin. *Einführung in die Phänomenologische Forschung*, GA 17 (1923). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1994.

HEIDEGGER, Martin. *Einleitung in die Philosophie*, GA 27 (1928). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996

HEIDEGGER, Martin. *Kant und das Problem der Metaphysik*, GA 03 (1929). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1991.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*, GA 06.1 (1936). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Reden und andere Zeugnisse eines Lebenswege*, GA 16 (1910-1976). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Zur Bestimmung der Philosophie*, GA 56-57 (1919). Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1967.

KANT, Imanuel. *Kants Werke. Akademie Textausgabe*. Band IV: Kritik der reinen Vernunft (1. Auflage 1781). Berlin: Walter de Gruyter, 1968.

KANT, Imanuel. *Kants Werke. Akademie Textausgabe*. Band V: Kritik der Urtheilskraft. Berlin: Walter de Gruyter, 1968.

MARX, Karl, & ENGELS, Friedrich. *Werke*. Band 4. Institut für Marxismus-Leninismus beim Zk der Sed. Berlin: Dietz Verlag, 1977.

MENDELSSOHN, Moses. *Morgenstunden oder Vorlesungen über das Daseins Gottes*. Berlin: Den Christian Friedrich Voss und Sohn, 1785.

Recebido em: 14/08/2025 | Aprovado em: 14/09/2025